

Economia

AGRONEGÓCIOS

Clima ameaça a produtividade e o plantio

Culturas de inverno devem ter queda na produção e na qualidade, enquanto chuvas atrasam cultivos de verão

Luiz Eduardo Kochhann

luiz@jornaldocomercio.com.br

Os técnicos agrícolas nem haviam conseguido entrar no campo para avaliar as perdas causadas pela geada quando o excesso de chuvas chegou ao Rio Grande do Sul e trouxe ainda mais preocupação para a agricultura. O clima atípico das últimas semanas pode reduzir a produtividade e a qualidade das culturas de inverno e atrasar o plantio das lavouras de verão. No primeiro caso, o trigo, a aveia, a cevada e a canola são as mais prejudicadas. Enquanto isso, os produtores de milho devem atrasar a semeadura devido ao excesso de umidade.

Não é possível, entretanto, avaliar prontamente os prejuízos causados pelo clima adverso, de acordo com o assistente técnico da Emater-RS, Alencar Paulo Rugeri. “A chuva, a geada, o frio e o granizo são todos fenômenos localizados fora da normalidade para

a época e, sem dúvida, terão impacto negativo, mas precisaremos de tempo para dimensionar”, destaca. O trigo, por exemplo, está em fase de enchimento dos grãos na maior parte da área plantada, sendo que setembro é considerado o mês crítico para o resultado do seu desenvolvimento.

As primeiras lavouras de inverno começam a ser colhidas em outubro. A projeção inicial da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) apontava para um incremento de 55,7% na produção de trigo, chegando a 2,36 milhões de toneladas. Segundo o último informativo conjuntural da Emater-RS, antes das chuvas dos últimos dias, produtores relatavam perdas de 10% a 15% em lavouras no estágio de granação e de 50% a 60% naquelas que estavam em estágio de floração. “É o mês que define seu tamanho e sua qualidade. Agora, talvez a chuva venha a agravar a situação e trazer perdas

nos dois aspectos”, explica Rugeri.

O milho, que está com cerca de 40% da área semeada no Rio Grande do Sul, teve danos considerados desuniformes e localizados em função das geadas dos dias 11 e 12 de setembro. O aumento da umidade nos últimos dias deve retardar o plantio na região Nordeste, mas, como a cultura está em fase inicial e não começou a ser implementada na região serrana, os danos à produtividade podem ser recuperados ao longo do ciclo, conforme Rugeri. O feijão tem um caso parecido, pois a nova safra está começando a ser semeada, ainda que o clima venha prejudicando a germinação em regiões de maiores altitudes. Quem também espera para contabilizar as perdas são os produtores de tabaco. De acordo com o presidente da Associação dos Fumicultores do Brasil (AfuBra), Benício Albano Werner, 2 mil lavouras foram atingidas pelo granizo da região Sul do País, sendo



CREDITO ANDRÉ NETTO/ARQUIVO/JC

Aumento da umidade nos próximos dias vai retardar semeaduras

1,2 mil delas no Rio Grande do Sul. A estimativa era colher mais de 650 mil toneladas em solo gaúcho, no Paraná e em Santa Catarina. “Com as chuvas dos últimos dias, certamente teremos uma queda de produtividade”, lamenta Werner.

A esperança de recuperação reside no fato de o plantio ter finalizado, em sua maioria, em meados de setembro. “Esse fumo recém-plantado tem condições, se outubro tiver um período longo de sol, de recuperar a produtividade”, completa.

Cultivo de arroz supera 61 mil hectares no Rio Grande do Sul

Os produtores gaúchos de arroz aproveitaram os dias ensolarados do início do mês de setembro para iniciar o plantio da lavoura de arroz na safra 2015/2016. Já são 61.766 hectares plantados, 5,7% de uma intenção de 1.083.638. A região mais adiantada é a Fronteira-Oeste com 12,22% semeado ou 38.151 hectares dos 312.139 pretendidos. O destaque é o município de Uruguaiana, que já semeou 22,05% ou 22.829 hectares da área desejada de 103.535.

Em segundo lugar aparece a zona Sul, que tem 9,56% ou 16.725 hectares de uma intenção

de 175.007 para a safra 2015/2016. Nesta região, o destaque é o município de Rio Grande, com 22,93% da área pretendida semeada. Na região da Campanha, a área plantada atinge 5.222 hectares, 3,17% dos 164.800 programados. A Depressão Central tem 0,89% ou 1.290 hectares de uma área pretendida de 145.210. As regiões da Planície Costeira Interna têm 0,26% semeado, 378 hectares dos 147.513 desejados e a Externa não tem nenhuma área plantada informada dos 138.969 hectares pretendidos.

A primeira lavoura de arroz

semeada na Planície Costeira Interna está localizada no município de Camaquã. O produtor José Antônio Garcia, da localidade de Banhado do Colégio, semeou oito hectares. Segundo o produtor, o clima favoreceu o plantio antecipado. A estimativa inicial é de que a área de arroz a ser semeada na região não sofra grandes alterações, apesar do alto custo de produção, que tem causado dor de cabeça no planejamento da safra atual.

Na zona Sul, a semeadura avança em ritmo intenso nos municípios de Rio Grande, Jaguarão, Arroio Grande e Santa Vitória do

Palmar. Neste mesmo período, na safra passada, essa região registrava 0,6% da área plantada, quando apenas Santa Vitória avançava em suas áreas de arroz.

Segundo o Irge, os produtores da zona Sul estão, cada vez mais, engajados no preparo antecipado de suas áreas e isso muito se deve à rotação com a cultura da soja, que proporciona essa antecipação. Outro fator que tem ocorrido na região é a forma como as parcerias evoluem, em que a entrega das terras estão se antecipando, dando condições de evolução no preparo do solo.

Preço do quilo do suíno vivo sobe a R\$ 4,23

A pesquisa semanal da cotação do suíno, milho e farelo de soja no Rio Grande do Sul, feita ontem pela Associação de Criadores de Suínos do Estado (Acurs), apontou alta de mais R\$ 0,19 no preço pago pelo quilo do suíno vivo ao produtor independente no estado gaúcho, ficando em R\$ 4,23. O valor da saca de milho subiu para R\$ 29,50 (anterior R\$ 29,00), e a tonelada do farelo de soja, para R\$ 1.375,00, no pagamento à vista (anterior R\$ 1.320,00), e para R\$ 1.390,00 no pagamento com 30 dias de prazo (anterior R\$ 1.330,00).

O preço médio do suíno integrado subiu para R\$ 3,02. As agroindústrias e cooperativas apresentaram as seguintes cotações: Cotrel, R\$ 3,10; Cosuel/Dália, R\$ 2,90; Cotrijuí, R\$ 3,00; Cooperativa Languiru, R\$ 2,90; Cooperativa Majestade, R\$ 3,00; Ouro do Sul, R\$ 3,30; Alibem, R\$ 3,00; BRF, R\$ 3,00; JBS, R\$ 3,00; e Pamplona, R\$ 3,00.

Confirmação de dois casos de mormo na Fronteira-Oeste preocupa

A confirmação do episódio de mormo na Fronteira-Oeste do Estado preocupa o Sindicato dos Médicos Veterinários (Simvet-RS). A doença é altamente contagiosa e pode também atingir os humanos, já que se trata de uma zoonose. A mais recente foi descoberta em uma égua, na localidade de Pedreiras, em Alegrete. A confirmação ocorreu no sábado, dia 19.

A presidente do Simvet-RS, Angélica Zollin, afirma que além dos prejuízos que o mormo acarreta, existe a possibilidade de mais animais virem a apresentar sintomas da doença, embora não obrigatoriamente isso aconteça.

Segundo a dirigente, de acordo com informações da Secretaria de Agricultura e Pecuária do Estado, nenhum outro cavalo tem suspeita de mormo na região. “Não existe ainda uma posição se outros animais serão testados”, observa Angélica.

O mormo é uma doença infecciosa com sintomatologia respiratória e que não tem tratamento. Conforme Angélica, mesmo que um primeiro exame tenha dado negativo, é preciso fazer um segundo exame confirmatório. O animal infectado precisa ser sacrificado porque a doença pode atingir todos os equinos que tem na

propriedade. A transmissão ocorre através do contato com material infectante, como as secreções do animal, comedouros e bebedouros, além de outros equipamentos como, por exemplo, o fômites.

Ontem, a Secretaria da Agricultura do Estado emitiu nota técnica sobre o caso. Afirmou que no dia 19 foram confirmados dois focos da doença - em Alegrete e Uruguaiana - em propriedades já interditadas desde 3 de agosto e 28 de julho, respectivamente, em função de resultados positivos no teste de triagem. “Como as propriedades já se encontravam interditadas com os equinos suspei-

tos isolados, as medidas que serão adotadas, além das já citadas, serão o sacrifício dos animais positivos e realização de dois testes em todos os equídeos das propriedades com intervalo de 45 dias entre os testes para saneamento”, diz a nota assinada por Gustavo Nogueira Diehl, do Programa de Sanidade de Equinos da Secretaria da Agricultura.

O documento informa ainda que propriedades vínculo, focos e suspeitas encontram-se interditadas e estão sob vigilância contínua do Serviço Veterinário Oficial até que se encerrem os procedimentos de saneamento.